

PRÁTICAS ASG NO MERCADO SEGURADOR BRASILEIRO – UM ESTUDO COM SEGURADORAS LISTADAS NA B3

1. Introdução

Proteger financeiramente e cuidar de pessoas e empresas em diversas ocasiões como morte prematura, danos patrimoniais e de responsabilidade civil, além de colaborar diretamente para o desenvolvimento econômico e social dos países em que atua é um dos principais papéis e propósitos do mercado segurador (INSURANCE INFORMATION INSTITUTE, 2018).

Dado esse propósito, o mercado brasileiro de seguros se viu instado a ser protagonista em sua atuação durante a pandemia, pautando-se por um comportamento social e economicamente responsável. Assim, a pandemia trouxe impactos mistos à atividade seguradora, com aspectos negativos, como o aumento da sinistralidade em seguros de saúde e maior frequência (pontual) de indenizações por morte em seguros de vida, que foram parcialmente compensados por fatores como a redução de sinistros decorrentes de menor circulação de pessoas (automóvel, por exemplo), e a adoção de processos automatizados no atendimento a segurados e parceiros, com a necessidade de redução da mobilidade das pessoas (CNSEG, 2020a, 2020b).

Em 2020, o mercado segurador brasileiro arrecadou R\$ 489 bilhões em prêmios (6,5% do PIB), crescendo 1,3% em relação a 2019, ao passo que o PIB brasileiro recuou 4,1%, mostrando a resiliência do setor. O setor possui reservas em ativos financeiros aplicados no país da ordem de R\$ 1,3 trilhão, tendo crescido à taxa média anual de 8%, entre 2014 e 2019 (CNSEG, 2021). Porém, mesmo com esse bom crescimento, o Brasil ainda ocupa a 12ª posição no ranking mundial de seguros, atrás de países como a Coreia do Sul (SWISS RE INSTITUTE, 2018), sinalizando para o grande potencial de nosso mercado.

Concomitantemente, ganhou força no Brasil a discussão sobre práticas ASG (Ambientais, Sociais e de Governança, sendo também conhecidas por sua sigla em inglês: ESG). Embora pareça ser uma “moda recente”, tal preocupação remonta às décadas de 70 e 80, com iniciativas como o “Investimento Sustentável Responsável” (SRI), quando fundos de investimento incluíram critérios sociais em seus processos de decisão de portfólio. O avanço sob o aspecto ambiental, na década de 80, se deu em resposta a grandes catástrofes, como o Desastre de Bhopal na Índia, em 1984 (vazamento de toneladas de gases tóxicos), o acidente de Chernobyl, em 1986 e o acidente do petroleiro Exxon Valdez no Alasca, em 1989 (Distrito, 2021).

Para se ter uma melhor ideia sobre o avanço recente dessa tendência no Brasil: conforme levantamento no Morningstar e Capital Reset, os fundos ASG no Brasil captaram, em 2020, R\$ 2,5 bilhões, sendo que a maioria deles havia sido criada nos últimos 12 meses, indicando um esforço na adaptação ao novo cenário imposto pelo desenvolvimento sustentável, especialmente por investidores europeus, onde tais práticas já são mais consolidadas (Distrito, 2021).

Por fim, mostrando o ganho de relevância do tema no Brasil, tem-se que as emissões de títulos verdes, sociais ou sustentáveis (socioambientais) chegaram à marca de 32 instrumentos, entre debêntures, certificados de recebíveis do agronegócio (CRAs) e imobiliários (CRIs), possibilitando aos investidores locais o acesso a mais produtos ASG em suas carteiras, num valor de emissão de R\$ 10 bilhões, em março de 2021 (B3, 2021).

2. Problema de Pesquisa e Objetivo

Além da relevância do papel social e econômico esperado mundialmente da indústria de seguros, os fatores ASG passaram a ser mais observados e monitorados no mercado segurador brasileiro, até mesmo pelas ligações relevantes do setor tais temas, ao ser impactado por questões ambientais (como riscos climáticos), sociais (como produtos para amparo a

populações de baixa renda) e de governança (seguradoras são estruturadas para cobrir riscos, atender à regulação e contribuir para a formação de poupança nacional).

Assim, este trabalho tem por objetivo realizar um estudo exploratório e descritivo sobre as práticas ASG relatadas pelas seguradoras brasileiras listadas na Bolsa de Valores – a B3, com vistas a identificar e melhor entender tais práticas e seus resultados obtidos e/ou esperados.

A fundamentação teórica do estudo encontra-se na próxima seção. A metodologia será apresentada na seção quatro, seguida da exposição dos resultados obtidos e da análise realizada. As conclusões, contribuições e considerações finais compõem a seção final do trabalho.

3. Fundamentação Teórica

Nessa seção, são apresentados os conceitos e teorias que embasam este estudo, a saber: (1) Teoria dos *Stakeholders*, (2) Capitalismo consciente e (3) Práticas ASG no Brasil.

3.1 Teoria dos *Stakeholders*

Segundo Freeman (1984), o termo *stakeholders* aplica-se a qualquer grupo ou indivíduo que pode afetar ou ser afetado pelo alcance dos objetivos da organização. Por ter sido pioneiro na abordagem desse assunto, é a partir de seu trabalho que se desenvolvem os demais estudos relacionados à Teoria dos *Stakeholders*.

Rowley (1997), por meio da análise de redes sociais, avalia como se dá o relacionamento entre os múltiplos *stakeholders*, indo além das relações diádicas entre eles e uma organização central, propondo uma teoria que acomoda as demandas múltiplas e interdependentes de diversos *stakeholders*, concluindo que as organizações respondem à influência simultânea de várias partes interessadas.

Roloff (2008) introduz discussão acerca da possibilidade de construção de uma rede maior e multifocal de *stakeholders*, uma vez que a complexidade e interconexão dos mercados em que as empresas atuam, levam a novas situações como: as informações relativas a um problema passam a ser coletadas de diferentes fontes, a aprendizagem ocorre da interação entre esses diferentes *players*, os conflitos entre as partes são tratados e se busca com mais ênfase a cooperação entre as partes, embora as corporações permaneçam como elementos-chave dessas redes, já que os problemas abordados são usualmente relacionados a atividades negociais.

Fassin (2010) introduz uma perspectiva dinâmica à Teoria dos *Stakeholders*, ilustrando processos de ação e reação na precipitação de eventos, apresentando o papel que certos *stakeholders* acabam assumindo na mobilização de outras partes interessadas, tornando-se um importante mecanismo para maximizar a sensibilização em torno de temas ligados à Responsabilidade Social Corporativa (RSC), por exemplo.

Ribeiro (2016), em estudo bibliométrico de mapeamento da produção acadêmica sobre a Teoria dos *Stakeholders* em periódicos nacionais de Administração, Contabilidade e Turismo de 1999 a 2013, identificou: (1) uma evolução do tema a partir de 2010; (2) USP, Uninove e Univali como sendo as Instituições de Ensino Superior mais produtivas no tema; (3) “Strategic management: a stakeholder approach”, de Freeman como obra mais citada e (4) os temas mais vistos nos 54 estudos publicados: Gestão Pública, RSC, Turismo, Gestão Ambiental, Ética e Governança Corporativa, sendo que alguns deles são recorrentes nas discussões atuais sobre ASG, como RSC, Gestão Ambiental e Governança Corporativa.

STOCKER et al. (2019), em estudo de revisão sistemática de 228 artigos coletados no *Web of Science* entre 1997 e 2017, abordaram a evolução da Teoria dos *Stakeholders*, indicando que

o interesse das pesquisas se deslocou das relações centradas na organização para relações em redes descentralizadas e com diversos atores.

3.2 Capitalismo Consciente

Sisodia (2009) apresentou os princípios do Capitalismo Consciente (CC), praticado por empresas que incorporam a ideia de que lucro e prosperidade devem andar de mãos dadas com justiça social e gestão ambiental, buscando ter modelos de negócios criativos, transformadores e inspiradores, que podem ajudar a resolver os problemas sociais e ambientais pelo mundo.

Algumas características das empresas praticantes do CC são: (1) têm um propósito mais elevado do que a simples maximização dos lucros ou do retorno aos acionistas; (2) buscam otimizar a saúde do “ecossistema”, reconhecendo a conexão e a interdependência entre todas as partes interessadas e a busca pelo alinhamento de seus interesses; (3) enxergam a sociedade como a principal interessada em sua atuação, manifestando um desejo genuíno de ajudar a resolver grandes problemas sociais em parceria com governos, outras empresas e organizações não governamentais (ONGs), sem externalizar custos para a sociedade, mesmo quando isso é legalmente permitido; (4) procuram ter um impacto líquido positivo no meio ambiente; (5) abordam o mercado com um modelo de “pirâmide completa” que busca erguer, em vez de ignorar (ou pior, explorar) os setores mais pobres da sociedade. e (6) acreditam que fazer as coisas certas traz bons resultados, com o lucro sendo o resultado natural de sua atuação e não o foco único de suas atividades (Sisodia, 2009).

Os consumidores têm apresentado com mais frequência, preocupações com questões éticas, ambientais e sociais, que acabam por relacionar a abordagem do CC com outras perspectivas como o marketing societal – modelo de marketing mais ético e responsável; o macromarketing – que analisa os efeitos sistêmicos das decisões de várias empresas e consumidores em conjunto e não isoladamente e a RSC – com foco na melhoria do bem-estar social (Forléo, 2016).

Begnini et al.(2019), em estudo de análise netnográfica sobre conteúdo postado e as interações sobre CC em grupos do *LinkedIn*, tiveram como resultados que: a maioria dos idealizadores dos grupos está nos EUA, onde o CC nasceu; os grupos foram criados para interagir com temas correlatos ao CC; as principais interações nos grupos se dão por meio de postagens e comentários referentes ao CC; mais membros num grupo não reflete uma maior interação e colocar o CC em prática continua sendo o maior desafio para seu desenvolvimento.

Após o Fórum de Davos de 2020, baseado na pergunta: “Que capitalismo queremos?”, ganhou maior relevância o tema de “Capitalismo de *Stakeholders*”, em que as empresas passam a buscar uma prática cooperativa entre acionistas, colaboradores, parceiros e as comunidades em que operam, sendo uma visão de capitalismo pragmático, mas com foco social (Beber & Rangel, 2020), visando promover negócios responsáveis e sustentáveis para as gerações atuais e futuras, com equilíbrio entre as partes interessadas (Arun & Babu, 2020; Szabó, 2020), indicando uma aparente convergência entre a Teoria dos *Stakeholders* e o CC.

3.3 Práticas ASG no Brasil.

As práticas ASG referem-se a aspectos ambientais, sociais e de governança, sendo: (1) Ambientais: ligados às preocupações e ações concretas das empresas com temas como aquecimento global, poluição do ar, desmatamento, biodiversidade, eficiência energética, escassez de água etc., (2) Sociais: associados a como a empresa se relaciona com as partes interessadas em sua atuação, sendo tópicos importantes: satisfação de clientes, proteção de dados e privacidade, diversidade de equipe, engajamento de colaboradores, relacionamentos

com a comunidade e respeito aos direitos humanos e leis trabalhistas e (3) Governança: trata-se da gestão mais ampla da organização, envolvendo assuntos como: composição de conselho, estrutura de comitê de auditoria, conduta e remuneração de executivos, relações com entidades governamentais, existência de canais de denúncia etc. (PRI. Principles for Responsible Investment, 2012).

O conceito veio para ficar e será cada vez central, ao mostrar o quanto uma empresa está comprometida em ser sustentável e ter impacto positivo. Nos últimos anos, o termo ASG (e as práticas dele decorrentes) tem ganhado visibilidade, especialmente pela preocupação crescente sobre sustentabilidade por parte do mercado financeiro, com questões ambientais, sociais e de governança passando a ser consideradas em análises de riscos e decisões de investimentos, pressionando as empresas a ver que ASG tornou-se quase que sinônimo de sustentabilidade empresarial - segundo relatório da consultoria PwC, até 2025, 57% dos ativos de fundos mútuos na Europa estarão em fundos aderentes a critérios ASG (eram 15,1% no final de 2020), o que representa US\$ 8,9 trilhões e 77% dos investidores institucionais pesquisados não devem mais comprar produtos não ASG nos próximos dois anos (Pacto Global Rede Brasil, 2021).

Muito embora seja uma temática com abordagem relativamente recente no Brasil, as práticas ASG baseiam-se na Agenda 2030, criada pela ONU em 2015, visando as dimensões social, ambiental e econômica, a partir de 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que tratam de: erradicação da pobreza, fome zero e agricultura sustentável, saúde e bem-estar, educação de qualidade, igualdade de gênero, água potável e saneamento, energia limpa e acessível, consumo e produção responsáveis e redução das desigualdades (Distrito, 2021).

A abordagem ASG para as Sociedades Anônimas de capital aberto no Brasil, reforça que não há – ou não deveria haver - dilema entre ter lucro e ser sustentável, dado que a sociedade não comporta mais tal visão, bem como a gestão que caminhar nesse sentido acabará colocando em risco a perenidade da companhia (Redecker & De Medeiros Trindade, 2021).

Mostrando a importância atual do tema no mercado financeiro brasileiro, onde está inserido o mercado segurador, já há propostas de regulação para classificação de Fundos de Investimento sob a temática ASG (Santos et al., 2021) e no setor bancário, sinaliza-se para a existência de uma associação positiva direta de forte intensidade entre fatores ASG reportados pelos bancos e o valor adicionado e distribuído aos *stakeholders* (Forte et al., 2020).

Por fim, reforçando o avanço da discussão sobre agenda ASG no Brasil, o Índice de Sustentabilidade Empresarial da B3 (ISE B3), criado em 2005 e que convida para participar de seu processo de seleção as 200 ações mais líquidas da B3, acaba de revisar sua metodologia, para ficar mais simples e transparente aos investidores e possibilitar a elaboração de *rankings* com as empresas de capital aberto mais avançadas na pauta ASG. Passa a vigorar e ter seus resultados divulgados em janeiro de 2022, com duas revisões anuais (maio e setembro) e a expectativa de que o processo fique mais objetivo e próximo ao que o mercado está habituado a reportar, em sinergia com os padrões internacionais (B3, 2021)

4. Metodologia

Esta pesquisa pode ser classificada como qualitativa, quanto à abordagem do problema (Godoi et al., 2010), recomendada para a exploração e compreensão de um problema ou questão de forma mais complexa (Creswell, 2014).

Em pesquisa realizada em julho de 2021, foram identificadas sete seguradoras listadas na Bolsa de Valores brasileira, a saber: BB Seguridade, Caixa Seguridade, Cia Seguros Aliança da Bahia, Consórcio Alfa de Administração, IRB – Brasil Resseguros S/A, Porto Seguro S/A e Sul América S/A (B3, 2021). Dessas, cinco possuem materiais que relatam práticas ASG e serão

aqui estudadas: (1) BB Seguridade, (2) Caixa Seguridade, (3) IRB – Brasil Resseguros S/A, (4) Porto Seguro S/A e (5) Sul América S/A. Breves históricos e descrição dos perfis das empresas, obtidos em seus *websites* de Relações com Investidores (RI), constam no Quadro 1.

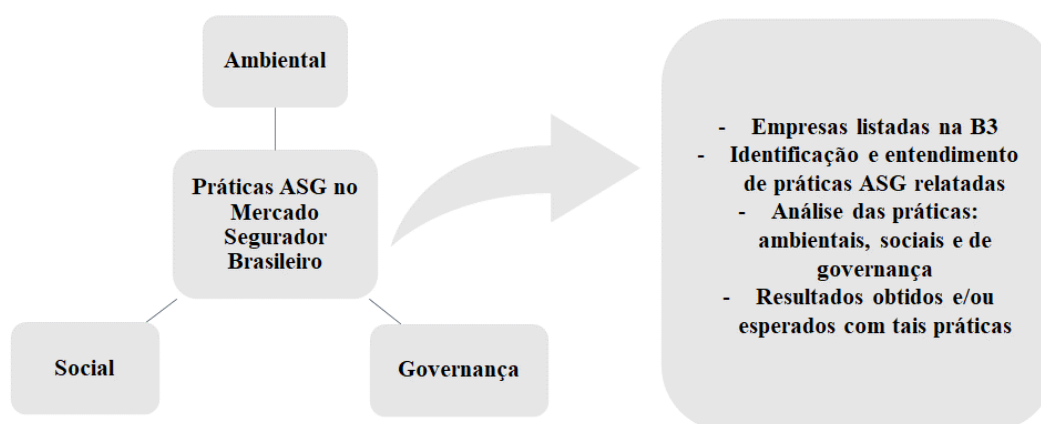
Quadro 1. Organizações analisadas no estudo

Empresa	Breve histórico e descrição
BB Seguridade	Empresa de participações que concentra todas as atividades de seguridade no Banco do Brasil (seguros, previdência, capitalização, planos odontológicos e corretora de seguros), com emissões de prêmios superiores a R\$2,3 bilhões, em 2020 (BB Seguridade, 2021).
Caixa Seguridade	Em 2014, iniciou suas operações como braço de seguros da Caixa Econômica Federal, para a exploração da rede de agências nos segmentos de seguros, previdência, capitalização e consórcios, com receitas de R\$ 2,165 bilhões em 2020 (Caixa Seguridade, 2021)
IRB	Maior resseguradora da América Latina, com R\$8,5 bilhões em prêmios emitidos, liderança em 9 dos 11 segmentos de seguros do Brasil e 63% de <i>Market Share</i> . Desde 2020, vem atuando para reconstrução de suas finanças e ressignificação de sua governança e de seus negócios (IRB Brasil RE, 2021).
Porto Seguro	A Porto Seguro iniciou suas operações em 1945. Atualmente é a 4º maior companhia seguradora do Brasil e líder no segmento de automóvel e residência, com aproximadamente 9 milhões de clientes distribuídos nas diversas linhas de negócios e receitas de R\$18,9 bilhões, em 2020. Possui estrutura operacional e de distribuição de cerca de 13 mil funcionários, 120 filiais e 3,3 mil agências bancárias do Itaú espalhadas por todo o país, além de aproximadamente 36 mil corretores independentes e 13 mil prestadores de serviço, com contrato de exclusividade (Porto Seguro, 2021).
Sul América	Define-se como uma gestora de saúde integral com 125 anos de história e presente em todo território nacional, atuando nos ramos de seguro saúde e odontológico, vida e acidentes pessoais, gestão de ativos e produtos de previdência privada. Com força de vendas amplamente diversificada - desde grandes consultorias corporativas, administradoras de benefícios e parcerias com Bancos, até uma ampla rede de mais de 36 mil corretores independentes. Em 2020, teve receitas de R\$20 bilhões e lucro líquido de R\$797,2 milhões (Sul América, 2021).

Fonte: elaborado pelo autor, com base nos dados da pesquisa

Para estudo das companhias, foram consultados seus *websites* de RI, materiais como: Relatórios da Administração, de Sustentabilidade e Apresentações Institucionais, que serviram para a identificação das práticas ASG por elas relatadas, conforme representado na Figura 1.

Figura 1. Modelo Conceitual do Estudo



Fonte: elaborado pelo autor

A partir dos dados coletados, empregou-se a técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2011) sendo que para isso, foram percorridas as etapas de pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

5. Discussão

Da leitura dos materiais consultados, verificou-se que todas as companhias relatam práticas ASG. Um breve resumo das principais práticas relatadas encontra-se no Quadro 2.

Quadro 2 – Principais práticas ASG relatadas pelas empresas do estudo

Empresa	Breve descrição das principais práticas ASG
BB Seguridade	Em virtude das associações e parcerias que, sendo parte de um banco público, realiza com empresas privadas, toda a parte de governança é fortemente reforçada em seu relatório. Relata ter o Projeto Estratégico Agenda ASG, com o propósito de aproximar, consolidar e acelerar as agendas ambientais, sociais e de governança no âmbito do grupo BB Seguros, tendo como materialidades os temas da Diversidade e Igualdade de Oportunidades: foco na liderança e empoderamento feminino; Risco Climático: transições climáticas - impactos no agronegócio e compensação de emissões e Cadeia de Fornecedores: termo de responsabilidade socioambiental - fornecedores se comprometem com práticas de preservação ambiental e desenvolvimento social, cumprimento das legislações trabalhista e previdenciária e o combate à corrupção (BB Seguridade, 2021).
Caixa Seguridade	Temas materiais de sua Estratégia de Sustentabilidade são: (1) Governança corporativa ética: Governança responsável e transparente, com atuação com <i>compliance</i> internamente e na cadeia de valor; (2) Gestão e estratégia dos negócios: Estratégia e portfólio de produtos para expansão dos negócios. Cumprimento do Plano Estratégico até 2025; (3) Valorização do capital humano: Desenvolvimento da equipe de colaboradores, promovendo um ambiente acolhedor, ético e diverso; (4) Qualidade do atendimento: Oferta de produtos e atendimento de qualidade, com foco na transparência e nas necessidades do cliente; (5) Gestão de riscos e impactos socioambientais: Acompanhamento de riscos ao negócio e inclusão de aspectos ASG na carteira de produtos e avaliações de clientes, fornecedores e parceiros e (6) Seguro responsável: Desenvolvimento de produtos e serviços que atendam à demanda dos clientes e se adaptem à realidade do país (Caixa Seguridade, 2021).
IRB	A parte de Sustentabilidade possui especial destaque, tanto nas apresentações de resultados, como no Site Institucional, abordando as iniciativas para construção e reforços de laços com a sociedade e os principais <i>stakeholders</i> da Cia, reforçando ações sociais para a melhoria da condição de vida de crianças, jovens e idosos e, sob o aspecto ambiental, o uso racional de recursos e correto descarte de resíduos, em suas operações e nas de seus fornecedores. São destaques ações voltadas a: Gestão de Riscos, <i>Compliance</i> , Comportamento Ético, Sociedade, Fornecedores, Capital Humano, Meio Ambiente, Emissões e Consumo de Recursos (IRB Brasil RE, 2021).
Porto Seguro	Destaca iniciativas ASG em seu relatório de sustentabilidade, especialmente durante o período de pandemia, tais como: o compromisso com o bem-estar e a segurança dos funcionários e prestadores, o apoio às comunidades do entorno da empresa, a abertura de 10 mil postos temporários de trabalho a partir do programa Meu Porto Seguro, frentes em educação socioambiental, a criação de uma comissão de diversidade e inclusão e diversas iniciativas do Instituto Porto Seguro, como o atendimento a 176 crianças e adolescentes de famílias de baixa renda, entre seis e 15 anos de idade, com reforço escolar e ações de cidadania, e distribuição de 413 cestas básicas para 38 famílias, bem como o Programa Escola Empreendedora, que formou 40 profissionais – que produziram itens como brindes, uniformes, máscaras, entre outros materiais para a companhia (Porto Seguro, 2021).
Sul América	Possui um relatório anual ASG bastante completo, além de dar amplo destaque para tais práticas em sua apresentação institucional, onde destaca ser signatária de princípios globais, como Pacto Global, Princípios para Sustentabilidade em Seguros e Princípios para Investimento Responsável. Destaca o impacto positivo em 5 temas estratégicos de suas sólidas práticas ASG: (1) desenvolvimento do capital humano – inclusão e diversidade, (2) Inovação em produtos e serviços – com uso da tecnologia de forma alinhada ao ODS 3 –

	Saúde e Bem-estar, (3) Educação financeira e uso consciente do seguro, (4) Responsabilidade na cadeia de valor – engajamento socioambiental e compromissos para reduzir emissões, consumo de água e energia, além de aumentar a porcentagem de lixo destinado a reciclagem e (5) Qualidade de atendimento e serviços (Sul América, 2021).
--	---

Fonte: elaborado pelo autor, com base nos dados da pesquisa

A análise se dará a partir das ações e/ou projetos relatados, dividindo-se em: (1) práticas focadas em fatores ambientais, (2) práticas focadas em fatores sociais e (3) práticas focadas em fatores de governança, com o objetivo de identificar e ter um melhor entendimento de tais práticas e apresentar resultados obtidos e/ou esperados, quando relatados pelas empresas.

5.1. Principais práticas relatadas – fatores ambientais

As principais práticas, projetos e ações relatadas pelas empresas em seus materiais institucionais e de RI, sob a ótica ambiental, encontram-se no Quadro 3.

Quadro 3 – Principais projetos, ações e resultados associados a práticas focadas em fatores ambientais relatadas pelas empresas do estudo

Seguradora	Principais projetos e ações
BB Seguridade	(1) BROTO: iniciativa digital da BB Seguros, criada para apoiar o crescimento sustentável do agronegócio brasileiro, para conectar produtores rurais, prestadores de serviços, revendedores de produtos e fornecedores de soluções em um só lugar. (2) Sistema de Monitoramento por Sensoriamento Remoto das Lavouras, implantado em 2020, pela Brasilseg, com a dupla função de apoiar a adoção de práticas sustentáveis pelos produtores rurais e avaliar a área a ser segurada no momento da subscrição, aprimorando o processo de gerenciamento de riscos. (3) Emissões: As empresas do grupo estão em diferentes estágios de maturidade quanto ao inventário e compensação de emissões de GEE: Brasilseg inventaria e compensa suas emissões, Brasilprev inventaria as emissões e BB Seguridade e Brasilcap ainda não possuem inventário. (4) Eficiência energética: melhorias no uso de fontes energéticas e estudos para aquisição de energia de livre mercado – já teve como resultado, a redução em consumo de 30%, em partes pela pandemia.
Caixa Seguridade	(1) Redução de emissões: priorização de videoconferências (menos deslocamentos), assinatura digital em documentos (em especial com a pandemia) - e estímulo ao uso de garrafas e copos não descartáveis. (2) Ecoeficiência: embora indique ser “uma busca constante”, reporta que seus impactos não são materiais, motivo pelo qual não os detalha.
IRB	(1) No âmbito ambiental, mesmo com o baixo impacto decorrente das atividades, busca o uso racional de recursos naturais e o descarte correto de resíduos produzidos na operação, levando essa determinação também para seus fornecedores de produtos e serviços. (2) Medidas adotadas para reduzir o consumo de recursos naturais: para economizar água, foram instaladas descargas sanitárias com diferente vazão; toda a iluminação do prédio-sede da Companhia, no Rio de Janeiro, foi substituída durante projeto de <i>retrofit</i> do prédio, passando a ter 98% das lâmpadas de LED (mais eficientes que as convencionais); painéis solares geram energia e alimentam o prédio; automatização da energia do prédio-sede, incluindo ar-condicionado inteligente, que regula a temperatura de acordo com o número de pessoas no ambiente; condicionadores de ar são desligados às 19h30 e a iluminação, às 22h00, com a religação de ambos apenas no dia seguinte, às 06h00 e aos finais de semana só são ligados mediante solicitação prévia.
Porto Seguro	(1) Teve sua agenda estratégica de comprometimento com o clima reconhecida, sendo qualificada pela B3 a fazer parte do Índice de Carbono Eficiente (ICO2). (2) Dentre as iniciativas recentes para redução da emissão de Gases de Efeito Estufa (GEE), destaca-se o início da operação do primeiro guincho elétrico no Brasil. O guincho emite

	1,80 de CO2 (t) em comparação aos 41,9 de CO2 (t) de um guincho convencional - um potencial de redução de cerca de 40,1 de CO2 (t). (3) Seu inventário de gases do efeito estufa de 2020, está sendo auditado por uma empresa terceirizada independente, para dar ainda mais credibilidade, confiança e transparência. (4) Programa de Ecoeficiência e Gestão ambiental: ações de redução de consumo de energia (lâmpadas de LED, sensores de presença e painéis solares) e água (captação de água da chuva, descargas à vácuo etc.); gestão de resíduos (reciclagem) e logística reversa (desde notebooks, até uniformes e demais itens com a logomarca da Porto Seguro). Em 2020, 10.279 itens foram vendidos através do Porto Arremate e 2.086 itens em bom estado foram doados para instituições cadastradas.
Sul América	(1) Sul América Total Impacto FIA: Fundo de investimento em ações que usa critérios socioambientais para a seleção de ativos, além de promover a doação de 100% da taxa de administração para uma organização de impacto social na Amazônia. (2) <i>App Sul América Saúde</i> e <i>Portal Saúde Online</i>: integrados à plataforma digital, agilizam a jornada do beneficiário, permitindo o relacionamento digital e consequente redução de deslocamentos, consumo de papel etc. (3) Ações de Impacto ambiental positivo, até 2023: (a) Energia: 60% de redução entre 2014 e 2023, considerando as sedes RJ e SP. Em 2020, a companhia atingiu uma redução de 79,2%; (b) Água: 75% de redução entre 2014 e 2023, considerando as sedes RJ e SP. Em 2020, a companhia atingiu uma redução de 91,7%; (c) Lixo reciclável: 35% de aumento entre 2014 e 2023, considerando as sedes RJ e SP. Em 2020, o percentual de lixo destinado a reciclagem aumentou para 56,4%; (d) Lixo comum: 12% de redução entre 2014 e 2023, considerando as sedes RJ e SP. Em 2020, a companhia atingiu uma redução de 81,5%; (e) Emissão de gases de efeito estufa: 40% de redução entre 2014 até 2023 das emissões, da companhia. Em 2020, a redução foi de 92%.

Fonte: elaborado pelo autor, com base nos dados da pesquisa

Os tipos de práticas mais relatadas pelas companhias são as relacionadas à redução de emissão de gases do efeito estufa (GEE) – especialmente pela redução de deslocamentos com a digitalização de processos internos e de atendimento e interação com clientes e parceiros e à Ecoeficiência, com ações ligadas a seus prédios administrativos, como otimização e redução de consumo de energia, água e reciclagem de resíduos.

A maior parte das empresas relata que suas operações possuem baixo impacto ambiental – sendo quase que totalmente desenvolvidas em edifícios comerciais. Apesar disso, projetos e iniciativas que busquem o uso racional de recursos naturais e a correta destinação dos resíduos produzidos na operação, bem como a extensão de tais medidas ambientalmente corretas a seus fornecedores de produtos e serviços e demais membros da cadeia de valor, são aparentemente recorrentes no mercado segurador brasileiro.

Iniciativas mais avançadas, como a da Sul América em seu braço de investimentos – doação da taxa de administração de um fundo de investimento a uma organização de impacto social na Amazônia e da Porto Seguro, com a adoção de guincho elétrico para prestar assistência a veículos, ainda são novidade no setor, indicando haver espaço para avanço de práticas ambientalmente responsáveis por parte das seguradoras brasileiras, especialmente quando são avaliados os negócios por elas assegurados que possuem maior impacto ambiental, como o agronegócio e atividades industriais (petroquímica, por exemplo).

Uma possível vertente para a expansão dessas práticas é o desenvolvimento de soluções que lidem com a prevenção e gerenciamento dos riscos ambiental e climático, que continuam sendo preocupantes, com as seguradoras procurando manter os ganhos relacionados à sustentabilidade e à mudança climática obtidos durante a pandemia (Bueno, 2021b).

5.2. Principais práticas relatadas – fatores sociais

Em estudo recente da KPMG, diversas seguradoras informam que pretendem utilizar-se da colaboração digital e das ferramentas de comunicação, com o engajamento do cliente feito predominantemente via plataformas digitais e com modelo operacional digitalizado, sendo esse um ponto de reforço de fatores sociais no mercado segurador brasileiro (Bueno, 2021b).

No entanto, os fatores sociais associados à atuação no mercado segurador brasileiro vão além dos avanços digitais e operacionais, como pode ser visto no Quadro 4.

Quadro 4 – Principais projetos, ações e resultados associados a práticas focadas em fatores sociais relatadas pelas empresas do estudo

Seguradora	Principais projetos e ações
BB Seguridade	(1) Diversidade e Igualdade de oportunidades: equidade de gênero em processos seletivos e inexistência de distinção de remuneração entre ocupantes das mesmas posições. (2) Educação corporativa destaca a abordagem de Diversidade e Liderança Feminina. (3) Destaque para executivas em posição de alta liderança: uma VP no Banco do Brasil, a CEO da Brasilprev e conselheiras na BB Seguridade.
Caixa Seguridade	(1) Promoção do acesso da população de baixa renda a produtos e serviços bancários e de seguros, estimulando a inclusão financeira, socioeconômica e o empreendedorismo. (2) Por meio do Instituto Caixa Seguradora, conduz ações de impacto positivo à sociedade: apoio a mulheres vítimas de violência; suporte à juventude empreendedora e atuação na prevenção ao HIV e à Aids. (3) Por conta da pandemia, relata ações específicas como doações (roupas, máscaras, comida e dinheiro) e projetos emergenciais de apoio a hospitais (cerca de R\$ 2 milhões).
IRB	(1) Patrocínios a ações sociais, culturais e esportivas, com foco em contribuir para a melhoria de vida de crianças, adolescentes e idosos, prioritariamente, na área de saúde (oito iniciativas de instituições como FioCruz (RJ), Fundação do Câncer (RJ), Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae – RJ e SP), Hospital de Amor (antigo Hospital de Câncer de Barretos – SP), Hospital Angelina Caron e Hospital Pequeno Príncipe, ambos em Curitiba (PR), beneficiando, em 2019, aproximadamente 421 mil pessoas, entre crianças, jovens e idosos. (2) Na gestão de capital humano: políticas que respeitam as diferenças e o próximo, priorizando um ambiente de trabalho saudável e harmônico, favorável ao crescimento dos negócios. (3) Destaque para duas ações de inclusão social: (a) a contratação de pessoas com deficiência auditiva e (b) o Programa de Jovem-Aprendiz, que visa auxiliar a inserção de jovens no mercado de trabalho, via formação técnico-profissional - 19 aprendizes foram contratados como estagiários, em 2019, sendo que 21% deles foram efetivados.
Porto Seguro	(1) Meu Porto Seguro: implantado em junho de 2020, para ajudar pessoas que perderam seus empregos devido à crise ocasionada pela pandemia da Covid 19, é um projeto de impacto social que oferece 10 mil postos de trabalho temporário com renda mensal de R\$1.500/pessoa durante três meses, capacitando-as à distância (cursos online sobre produtos de seguro e habilidades voltadas ao autodesenvolvimento pessoal, como técnicas de venda e de atendimento a clientes). (2) Aporte de R\$5 milhões no Fundo WE Ventures, para investimento em <i>startups</i> de tecnologia com lideranças femininas (ao menos 20% de participação). Por meio do investimento no fundo, a Porto irá direcionar recursos para <i>startups</i> e apoiar o empreendedorismo feminino. (3) Investimento social privado: em 2020, 180 projetos se inscreveram e após as etapas de avaliação, 10 projetos foram beneficiados com um investimento total de R\$6,4 milhões, que vão impactar mais de 34 mil pessoas, através das leis de incentivo fiscal.

	(4) Instituto Porto Seguro: manter a retenção dos alunos foi um dos principais desafios, com a realização de diversas ações de retenção e a implementação de um modelo de acompanhamento próximo (ainda que à distância), o Instituto fechou 2020 com 86% de retenção dos seus alunos, totalizando 44 turmas formadas para diferentes áreas de conhecimento e ajudando a empregar mais de 130 pessoas. (5) Porto Voluntário: com a pandemia e o isolamento social, foi a primeira vez que a empresa lançou um catálogo digital de ações voluntárias para os colaboradores, com resultado expressivo. Ao longo de 2020, 728 colaboradores participaram de 57 ações, com 98% de ocupação das vagas abertas, totalizando mais de 1 600 horas voluntárias de colaboradores para atividades nas instituições participantes. (6) Porto Seguro foi homologada pela “Women on Board” por ter duas conselheiras efetivas no seu Conselho de Administração. Esta iniciativa apoiada pela ONU incentiva e apoia o aumento da participação das mulheres nos Conselhos de Administração e Consultivos das Empresas.
Sul América	(1) Médico na Tela: serviços de telemedicina também para clientes de Vida e Previdência, possibilitando consultas virtuais com uma série de especialistas. No contexto pandêmico, a frequência aos hospitais e consultórios médicos reduziu significativamente, passando esse a ser um canal importante para manter a saúde desse público. (2) SOS Prev: linha de crédito que ajuda a socorrer os clientes que possuem um plano de previdência ativo e precisam de ajuda financeira emergencial, sem interromper a disciplina de investimento no futuro. (3) Treinamento e capacitação com temáticas como Liderança Inclusiva e Atração, Seleção e Contratação de Profissionais com Deficiência. (4) Aumento na cota de pessoas com deficiência e Projeto “Massoterapeutas”: cinco massoterapeutas, todos com deficiência visual, que realizaram ações focadas na saúde dos colaboradores em diferentes localidades da Empresa e de forma virtual. (5) Criação de Política de Diversidade no Conselho Administrativo. (6) Apoio a 504 prestadores durante a pandemia de Covid-19: adiantamento do faturamento para 280 Prestadores da rede do Cuidado Coordenado, 26 Hospitais e 198 Prestadores Odontológicos. (7) Investimentos Sociais via Leis de Incentivo: R\$13,6 milhões em projetos de programas socioculturais e socio esportivos e ações junto aos Fundos do Idoso e da Criança e do Adolescente. (8) Ações específicas de Combate à COVID19: (a) Campanha de doação junto com colaboradores para arrecadação de recursos para o Fundo Emergencial para a saúde - Colaboradores R\$ 80 mil e Sul América R\$ 1 milhão e (b) Parcerias para construção de leitos hospitalares - 200 no RJ (Doação de R\$ 5 milhões) e 102 em SP (Doação de R\$ 4,3 milhões). (9) Criação de Programa de Educação Financeira e Uso Consciente do Seguro, junto a clientes e estudantes da rede pública.

Fonte: elaborado pelo autor, com base nos dados da pesquisa

Há vários fatores sociais que podem ser abrangidos em projetos e ações empresariais, como gênero, raça, religião, orientação sexual, condição social, pobreza, entre outros. Assim, pode-se notar que as ações relatadas podem ter diferentes alvos, como as voltadas à expertise de atuação (Sul América e seu conceito de Saúde Integral), à região que abriga sua sede (Porto Seguro, situada no bairro Campos Elíseos, em São Paulo, região socialmente vulnerável com forte presença de tráfico de drogas e dependentes químicos), ou ainda à ligação com entes do setor público (como a BB Seguridade e a Caixa Seguridade).

Foram identificadas em todas as seguradoras estudadas, ações de suporte e estímulo à diversidade e igualdade de oportunidades, especialmente em questões de gênero. Outro destaque: três das cinco empresas analisadas reportaram ações de combate à COVID19, como doações, criação ou melhoria de processos/produtos e projetos emergenciais junto a hospitais.

Da análise dos materiais, pode-se verificar como tendência nascente e com potencial de crescimento ao longo dos próximos anos, o aumento na oferta de produtos para populações de baixa renda (mencionado apenas pela Caixa Seguridade), bem como um esforço coordenado na Educação Financeira em geral, e no uso adequado das soluções de seguro, em específico (mencionado apenas pela Sul América), como uma forma das seguradoras contribuírem de forma ativa para os esforços de inclusão financeira e social na sociedade brasileira.

5.3. Principais práticas relatadas – fatores de governança

As empresas aqui analisadas são de capital aberto, tendo como obrigação o cumprimento de vários aspectos de Governança Corporativa como a composição de conselho, estrutura de comitê de auditoria, conduta e remuneração de executivos, relações com entidades governamentais, existência de canais de denúncia etc. para que permaneçam listadas na B3. O Quadro 5 consolida as ações relatadas pelas empresas sob a ótica da governança.

Quadro 5 – Principais projetos, ações e resultados associados a práticas focadas em fatores de governança relatadas pelas empresas do estudo

Seguradora	Principais projetos e ações
BB Seguridade	(1) Cadeia de fornecedores: as contratadas assumem em contrato, total responsabilidade pelo cumprimento de todas as obrigações trabalhistas, fiscais e previdenciárias, inclusive decorrentes de acidentes, indenizações, multas, seguros, pagamentos e demais obrigações. (2) Os fornecedores são selecionados por processo licitatório, conforme a Lei das Estatais e seu novo Regulamento de Licitações e Contratos. Entre os aspectos legais para a escolha da proposta mais vantajosa estão: melhor técnica, menor preço ou melhor combinação de técnica e preço. (3) Canal de Ética e Integridade para registro de ocorrências. (4) Estruturação interna: Assembleia Geral de Acionistas, Conselho Fiscal, Conselho de Administração (com assessoria da Auditoria Interna e do Comitê de Auditoria), Auditoria Externa e Comitê de Elegibilidade. (5) Política de Transações com partes relacionadas.
Caixa Seguridade	(1) Estruturação interna com Assembleia Geral de Acionistas, Conselho Fiscal, Conselho de Administração e com os Comitês de: Auditoria; Transações com partes relacionadas e Elegibilidade. (2) Instrumentos de governança: Estatuto, Códigos de Ética e Conduta (3) Políticas atualizadas periodicamente: <i>Compliance</i> e Integridade, Controles Internos, Divulgação, Dividendos, Negociação, Transações com partes relacionadas, Participações societárias, Prevenção ao conflito de interesses, Indicação e Elegibilidade, Indicação de administradores e membros de empresas participadas, Gerenciamento de Riscos, Segurança da Informação, Investimentos financeiros, Responsabilidade socioambiental e de Porta-vozes.
IRB	(1) Medidas recentes: aumento de 3 para 5 posições estatutárias, para melhor segregação de funções; processo decisório compartilhado; redução de conflito de interesses; reforço na prestação de contas. (2) Duplo reporte em <i>Compliance</i>, Gestão de Riscos e Investimentos. (3) Vice-Presidência de Riscos e Conformidade: monitora e controla os riscos, com avaliação semestral pelo Conselho de Administração, trimestral pelos seus Comitês de Gestão de Riscos e de Auditoria e, regularmente, pela Diretoria da Companhia. (4) Todos os empregados devem participar de cursos obrigatórios: riscos operacionais, negócios de seguros e resseguros, prevenção à lavagem de dinheiro e combate ao terrorismo, ética e conduta, governança, riscos e conformidade, fraude, corrupção e conflito de interesses. (5) Manual de <i>Compliance</i>, Política de Prevenção e Combate à Lavagem de Dinheiro e Financiamento ao Terrorismo e práticas de <i>Know Your Customer (KYC)</i>, <i>Know your</i>

	<i>Employee</i> (KYE) e <i>Know your Supplier</i> (KYS), com as empresas de clientes e de fornecedores classificadas em níveis de risco para acompanhamento/monitoramento diferenciado. Essa verificação é feita periodicamente e envolve toda a cadeia de clientes e de fornecedores. No caso de empregados, a checagem também abrange parentes de primeiro grau. (6) Código de Ética e Conduta e Programa de Integridade.
Porto Seguro	(1) Conselho de Administração, Diretoria, Conselho Fiscal e Comitês de: Auditoria, Digital, Ética e Conduta, Investimentos, Marketing, Pessoas, Remuneração e Risco Integrado. (2) Estatuto social, políticas de ética e <i>compliance</i>, combate à corrupção, bem como diversas outras políticas, atualizadas periodicamente: Contratação de Auditores Independentes, Contratação de Serviços Extra Auditoria de Auditores Independentes, Contribuições e Doações, Destinação de Resultados, Distribuição de Dividendos, Divulgação de Informações Relevantes, Ética e Conduta, Gestão de Riscos, Indicação e Sucessão de Administradores, Negociação de Valores Mobiliários, Remuneração de Administradores, Responsabilidade Socioambiental, Riscos Cibernéticos, Transações com Partes Relacionadas.
Sul América	(1) Estruturação interna com Assembleia Geral de Acionistas, Conselho Fiscal, Conselho de Administração. (2) Cinco Comitês: de Investimentos, de Auditoria e Gestão de Riscos, de Capital Humano, da Governança e Divulgação, de Sustentabilidade, sendo que todos os Comitês possuem e atualizam as políticas específicas, pertinentes às suas áreas de atuação e controle.

Fonte: elaborado pelo autor, com base nos dados da pesquisa

A BB Seguridade e a Caixa Seguridade, além dos aspectos observados por todas as outras empresas listadas em Bolsa, ainda possuem pontos de atenção em sua governança, decorrentes de sua ligação com bancos públicos, tais como respeito à Lei das Estatais e exigências estabelecidas para a realização de Licitações e Contratos, bem como especial atenção às formas permitidas por lei para participações societárias e indicação de administradores e membros de e para empresas participadas.

Outro caso a ser destacado é o do IRB, que reforça de maneira enfática as diversas medidas de governança que adotou ao longo de 2020, com ações como aumento de posições estatutárias, segregação de funções; duplo reporte em *Compliance*, Gestão de Riscos e Investimentos. Tal cuidado não é por acaso: ao longo de 2020, a companhia teve que superar uma crise de credibilidade causada: (1) pela prestação informações inverídicas, por parte de sua antiga gestão, quanto à sua base acionária, (2) pela instalação de fiscalização especial da Susep quanto à insuficiência dos ativos garantidores de provisões técnicas e (3) pela necessidade de reapresentação dos balanços de 2019 e 2018, indicando a real situação financeira da empresa e exigindo a busca por aporte adicional de capital, num momento especialmente difícil para isso, com a pandemia de COVID19 (Bueno, 2021a). O caso mostra a relevância da atenção constante aos aspectos de governança e à efetividade dos controles por ela exigidos.

6. Conclusão

Este trabalho identificou os principais projetos e ações sobre práticas ASG (ambientais, sociais e de governança) relatados nos materiais de RI de cinco seguradoras listadas na B3 (bolsa de valores brasileira), com vistas a um melhor entendimento de tais práticas e seus resultados obtidos e/ou esperados. Assim, a pesquisa alcançou seu objetivo proposto.

A análise foi feita considerando o conjunto das cinco seguradoras analisadas, com relação aos relatos feitos sobre: (1) práticas ligadas a fatores ambientais, (2) práticas ligadas a fatores sociais e (3) práticas ligadas a fatores de governança.

Foram identificadas como práticas mais recorrentemente relatadas:

(1) Ambientais: ações e projetos de gestão da emissão de gases do efeito estufa (GEE) e ecoeficiência (redução de consumo de energia e água, reciclagem e logística reversa);

(2) Sociais: ações para aumento e reforço da diversidade e igualdade de oportunidades (especialmente de gênero) e campanhas de doações e projetos emergenciais voltados especificamente ao momento de pandemia;

(3) Governança: as empresas analisadas relataram basicamente os aspectos mandatórios de governança como composição do Conselho de Administração, Comitês diversos (Auditoria, Investimentos etc.) e suas principais políticas, existência de canais de denúncia e ações e projetos de combate à corrupção e prevenção à lavagem de dinheiro.

Quanto a práticas menos relatadas e com potencial de desenvolvimento ao longo dos próximos anos, foram identificadas:

(1) Ambientais: soluções mais abrangentes (como produtos e serviços, por exemplo) para prevenção e gerenciamento de riscos ambientais e climáticos, que vêm apresentando impactos crescentes em termos de severidade e frequência;

(2) Sociais: produtos e serviços inclusivos (como microsseguros para população de baixa renda, por exemplo) e projetos de educação financeira e uso consciente do seguro, com vistas a uma atuação mais efetiva e institucional do setor na promoção da inclusão financeira e social;

(3) Governança: reforço de práticas adicionais ao mandatório em termos de segregação de funções, duplo reporte de áreas como *Compliance* e Gestão de riscos e revisão constante de controles e sua efetividade.

Pode-se afirmar que o estudo apresenta contribuições para a academia, ao associar a temática ASG às teorias dos *Stakeholders* e do Capitalismo Consciente, além de possuir relevância prática, especificamente, aos gestores e demais interessados no mercado segurador brasileiro e seu avanço em termos da preocupação com a preservação do meio ambiente, o combate a preconceitos sociais, sejam de cor, gênero, religião ou quaisquer outros e com a defesa de políticas de governança responsáveis e efetivas.

Podem ser apontadas como limitações deste estudo: (1) a amostra não é plenamente representativa do mercado brasileiro – cinco seguradoras, quando existem mais de 70 grupos seguradores ativos no Brasil, o que não permite a generalização dos resultados aqui apresentados e (2) a análise ter se baseado apenas em documentos divulgados pelas empresas em seus *websites* de RI, o que não permitiu triangulação com outras fontes, como consulta a documentos internos, entrevistas com parceiros, colaboradores, fornecedores, clientes etc.

Para estudos futuros, sugere-se: (1) a realização de pesquisa sobre ações e projetos ligados a práticas ASG com mais seguradoras e em outros mercados, além do segurador e (2) a realização de estudos com maior detalhamento e fontes de informação, tais como a aplicação de pesquisa quantitativa junto a funcionários, clientes, parceiros e demais partes interessadas, com amostras estatisticamente representativas, para uma melhor triangulação dos dados.

Referências

- Arun, K., & Babu, S. (2020). Are corporates renouncing shareholder capitalism and moving towards stakeholder capitalism? *Proceedings of the International Conference on Industrial Engineering and Operations Management*, March, 2421–2427.
- B3. (2021). B3. http://www.b3.com.br/pt_br/
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo* (Edições 70 (ed.)). LDA.
- BB Seguridade. (2021). *BB Seguridade*. <http://www.bbseguridaderi.com.br/>
- Beber, A. J., & Rangel, R. R. (2020). Stakeholder Capitalism : Um Ensaio Sobre O Novo Capitalismo Pragmático E Social. *Revista Metropolitana de Governança Corporativa*, 5(1), 1–18.
- Begnini, S., Santos, S. S. S. dos, Sehnem, S., Carvalho, C. E., & Machado, H. P. V. (2019). Capitalismo consciente: uma análise netnográfica em grupos da rede social LinkedIn. *Cadernos EBAPE.BR*, 17(2), 277–293. <https://doi.org/10.1590/1679-395172204>
- Bueno, D. (2021a). *Depois de enfrentar a pandemia e de arrumar a casa em 2020, IRB Brasil Re está otimista com 2021*. Blog Sonho Seguro. <https://www.sonhoseguro.com.br/2021/02/depois-de-enfrentar-a-pandemia-e-de-arrumar-a-casa-em-2020-irb-brasil-re-esta-otimista-com-2021/>
- Bueno, D. (2021b). *Para mais de 34% dos CEOs do setor segurador, negócios não deverão voltar à normalidade até o ano que vem*. Blog Sonho Seguro. <https://www.sonhoseguro.com.br/2021/07/para-mais-de-34-dos-ceos-do-setor-segurador-negocios-nao-deverao-voltar-a-normalidade-ate-o-ano-que-vem/>
- Caixa Seguridade. (2021). *Caixa Seguridade*. <http://www.ri.caixaseguridade.com.br/>
- CNSEG. (2020a). *Conjuntura CNseg - 20*.
- CNSEG. (2020b). *Conjuntura CNseg - 21*.
- CNSEG. (2021). *Estatísticas do Mercado Segurador 2020*.
- Creswell, J. W. (2014). *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens*. (3a. edição). Penso.
- Distrito. (2021). *inside ESG TECH . REPORT*.
- Fassin, Y. (2010). A dynamic perspective in Freeman's stakeholder model. *Journal of Business Ethics*, 96(July), 39–49. <https://doi.org/10.1007/s10551-011-0942-6>
- Forléo, C. A. (2016). A relação de Capitalismo Consciente com marketing societal, macromarketing e Responsabilidade Social Corporativa The relationship of Conscious Capitalism with societal marketing, macromarketing and Corporate Social Responsibility. *International Journal of Business & Marketing (IJBMKT)*, 2(1), 33–44.
- Forte, H. C., Silva, L. K. S., Gomes, L. A. da S., Soares, R. A., & Forte, F. C. (2020). Influência das Controvérsias ASG sobre o Desempenho dos Relatórios de Responsabilidade Social Corporativa: uma Análise das Empresas Listadas na B3. *XLIV EnANPAD*.
- Freeman, R. E. (1984). *Strategic management: a stakeholder approach*. (Pitman (ed.)).
- Godoi, C. K., Silva, A. B. ., & Melo, R. B. (2010). *Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais – paradigmas, estratégias e métodos*. (2a. edição). Saraiva.
- INSURANCE INFORMATION INSTITUTE. (2018). *How insurance drives economic growth*.
- IRB Brasil RE. (2021). *IRB Brasil RE*. <https://ri.irbre.com/>
- Pacto Global Rede Brasil. (2021). *Pacto Global Rede Brasil*. <https://www.pactoglobal.org.br/>
- Porto Seguro. (2021). *Porto Seguro*. <http://ri.portoseguro.com.br/>
- PRI. Principles for Responsible Investment. (2012). *Integrating ESG Issues Into Executive Pay: environmental, social and governance*.

- Redecker, A. C., & De Medeiros Trindade, L. (2021). Práticas De Esg Em Sociedades Anônimas De Capital Aberto: Um Diálogo Entre a Função Social Instituída Pela Lei N 6.404/76 e a Geração de Valor. *RJLB*, 7(2), 59–125. <https://www.jota.info/opiniao-e-ana-Ribeiro>
- Ribeiro, H. C. M. (2016). Teoria dos Stakeholders: um estudo bibliométrico de sua produção acadêmica divulgada nos periódicos nacionais de 1999 a 2013. *Contextus*, 14(1), 163–192.
- Roloff, J. (2008). A life cycle model of multi-stakeholder networks. *Business Ethics: A European Review*, 17(3), 311–325. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8608.2008.00537.x>
- Rowley, T. J. (1997). Moving beyond Dyadic Ties: A Network Theory of Stakeholder Influences. *The Academy of Management Review*, 22(4), 887. <https://doi.org/10.2307/259248>
- Santos, D. J. F. dos, Secomandi, F. H., Silva, J. A., & Costa, V. M. (2021). Proposta de Regulação para classificação de Fundos de Investimento sob a temática ASG / ESG (Ambiental, Social e Governança). *Boletim Economia Empírica*, 2(8), 63–69.
- Sisodia, R. S. (2009). Doing business in the age of conscious capitalism. *Journal of Indian Business Research*, 1, 188–192. <https://doi.org/10.1108/17554190911005354>
- STOCKER, F., MASCENA, K. M. C., AZEVEDO, A. C., & BOAVENTURA, J. M. G. (2019). Teoria de Redes de Influências de “Stakeholders”: uma abordagem revisitada. *Cadernos EBAPE.BR*, 17(spe), 673–688. <https://doi.org/10.1590/1679-395176683>
- Sul América. (2021). *Sul América*. <https://ri.sulamerica.com.br/>
- SWISS RE INSTITUTE. (2018). *Sigma* – 3.
- Szabó, G. H. (2020). Stakeholder Capitalism and the EFQM Model 2020 for Corporate Management. *Civic Review*, 16(Special Issue), 368–384. <https://doi.org/10.24307/psz.2020.1223>